



Artigo
Article

SUJEITOS DA REDE: O NARRAR-SE COMO FORMA DE PRODUZIR-SE¹

INTERNET SUBJECTS: NARRATING ONESELF AS A WAY OF SELF-CONSTRUCTION

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira²

RESUMO: O presente trabalho objetiva discutir em que medida o ato de narrar-se no ambiente virtual e, conseqüentemente, mostrar-se, corrobora para um atual movimento de construção de si, problematizando os sujeitos contemporâneos que encontram na rede novos mecanismos de subjetivação. Para tanto, realizamos uma discussão teórica amparada em alguns dos principais autores da área das Ciências Sociais e Humanas que se debruçam a respeito dos temas expostos. Detemo-nos, ainda, sobre como o formato das redes sociais e, especialmente, dos *blogs* de escrita íntima, contribuem para um voltar-se para si na mesma medida em que incentivam os sujeitos a espetacularizarem suas existências no grande palco que é a rede. **Palavras-chave:** Subjetividade; Narrativas de si; Cultura da rede.

¹ O presente trabalho trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), de título "*Subjetividade e escritas de si no blog "cem homens": uma análise dos sujeitos contemporâneos no ciberespaço*", defendida e aprovada em 2016.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Membro do Grupo de Estudos do Discurso da UERN (GEDUERN), do Grupo de Pesquisa Informação, Cultura e Práticas Sociais (BITS/UERN), e do Núcleo de Estudos de Gênero, Relações Étnicorraciais, Aprendizagens e Saberes (NEGRAS), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3315-659X>. E-mail: pamella_rochelle@hotmail.com.

ABSTRACT: The present work aims to discuss the extent to which the act of narrating oneself in the virtual environment and, consequently, showing oneself, corroborates a current movement of self-construction. Questioning contemporary subjects who find new mechanisms of subjectification in the internet. To this end, we held a theoretical discussion supported by some of the main authors in the area of Social and Human Sciences who address the issues exposed. In addition to dwelling on how the format of social networks and, especially, blogs of intimate writing contribute to a turn towards themselves to the same extent that they encourage subjects to spectacularize their existence on the great stage that is the internet. **Keywords:** Subjectivity; Narratives of the self; Culture of the internet.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, nos deparamos com o desabrochar de um novo repertório de práticas sociais que emergem da esfera da comunicação e das novas tecnologias da informação (TICs), mais precisamente do ambiente virtual. A esse respeito, muitos teóricos classificaram o atual movimento como o nascer de uma cultura da rede, nomeada de “cibercultura”. Lemos (2005) a percebe como “uma cultura da desterritorialização”, pois não precisa de um território geográfico e fixo para se estabelecer, sendo uma espécie de cultura móvel que toma o mundo como seu lugar, virtualizando-o e comunicando-o a todos que estão conectados à rede³. Possui como principais características a agilidade, multiplicidade e interatividade.

O termo cibercultura surge na metade do século XX diante de um novo ciclo de desenvolvimentos tecnológicos, baseado na expansão do maquinismo informático de processamento de dados. Acredita-se que o termo foi criado pela engenheira e empresária norte-americana Alice Hilton, fundadora do Instituto de Pesquisas Ciber Culturais (Rudiguer, 2011, p. 8). Surge procurando dar conta dos fenômenos que nascem junto com as novas tecnologias de comunicação, as mídias digitais e as redes sociais *online*.

Com a publicação do livro *A máquina do universo*, Pierre Lévy (1987) indagou questões relacionadas ao movimento sociotecnocultural, o que o levou a refletir sobre o conceito de cibercultura, sendo para o autor um tema em que culturas locais e nacionais se fundem a uma cultura globalizada e virtualizada, que se orienta por três principais aspectos: interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva (Teixeira, 2013). Em livro posterior, intitulado *Cibercultura*, o autor defende que esta expressaria “o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele, no sentido de que se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer” (Lévy, 1999, p. 12), sendo responsável por manter a universalidade ao mesmo tempo em que dissolveria a totalidade. Corresponde, assim, “ao momento em que nossa espécie, pela globalização econômica, pelo adensamento das redes de comunicação e de transporte, tende a formar uma única comunidade mundial, ainda que essa comunidade seja - e quanto! - desigual e conflitante” (Lévy, 1999, p. 231).

Desse modo, mais do que informar, o ambiente virtual - por meio da cibercultura - passa a se instaurar enquanto local em que novas práticas, modos de ser e de estar se estabelecem. Neste entremeio, conceitos até então consolidados diluem-se, reconfiguram-se. Como é o caso das noções de tempo, espaço, identidade e sujeito. A respeito dessas últimas, Lemos e Lévy (2010) asseveram que os processos de

³ O termo *rede* é utilizado aqui como sinônimo de *internet* e ambientes virtuais *online*.

construção da identidade estão a partir de então cada vez mais fluidos. O que Haraway (1991) afirma ao se debruçar sobre o estudo dos sujeitos a partir de uma perspectiva considerada pós-humana, em que defende que passamos a nos construir da mesma forma como construímos circuitos integrados ou sistemas políticos.

A partir dessa perspectiva, pretendemos discutir; através de uma revisão teórica; como os sujeitos da rede, aqueles que estão submersos na cibercultura - eu, você e todos nós -, passamos a nos constituir a partir das narrativas virtuais dispersas pelas redes sociais e/ou os canais de interação *online*. Narrativas essas, em tom confessional, que mais do que expor nossa vida parecem nos colocar em meio a um processo de subjetivação bastante complexo, próprio do movimento cibercultural. Assim, o que nasce com o intuito de saciar as necessidades de informação e comunicação dos sujeitos nos parece fazer brotar novas necessidades, entre as quais a de se pôr em evidência (Sibilia, 2008).

MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: AS NARRATIVAS DE SI NA REDE

No universo *online* não apenas nossos comportamentos se adaptam a uma nova realidade, mas nossa subjetividade passa a ser produzida de uma maneira diferente, na medida em que novos mecanismos de subjetivação se instauram, possibilitando novos processos de constituição de si.

Sobre os modos de subjetivação, Foucault (2010) aponta três principais maneiras pelas quais os indivíduos tornaram-se sujeitos no ocidente. O primeiro é o modo de investigação, responsável por objetivar o discurso e as ações do sujeito, tentando dessa forma atingir *status* de ciência; o segundo diz respeito às “práticas provisórias” que objetivariam o sujeito a partir do seu lugar social e de suas relações com os outros; e por fim, o terceiro seria o do domínio da sexualidade, em que “os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de sua sexualidade” (Foucault, 2010, p. 231-232). O termo sujeito é considerado por Foucault (2010) de duas formas: a primeira forma como sujeito a alguém pelo controle e dependência, e a segunda, preso a sua própria identidade por uma consciência ou autocontrole. Estando ambas as perspectivas sugerindo uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a algo ou alguém.

Partimos da crença de que, “os modos de subjetivação são demarcados por dispositivos⁴ historicamente constituídos e, portanto, podem se desfazer, transformando-se, à medida que novas práticas de subjetivação se engendram” (Cardoso, 2005, p. 7). O que nos levar a crer que o ciberespaço, comumente nomeado de rede, seria esse novo dispositivo que incide diretamente sobre a construção das

⁴ A noção de dispositivo adotada neste trabalho parte da percepção foucaultiana que o define como “[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. [Um] discurso que pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. [O dispositivo pode ser entendido também] como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência histórica” (Foucault, 1998, p. 244). Ver mais na obra.

subjetividades contemporâneas, trazendo consigo novos mecanismos pelos quais os sujeitos passam a se perceber e se constituir. Entre estes destacamos o “*narrar-se*” e o “*mostrar-se*”, ambos intrinsecamente ligados a um processo de reflexividade (Giddens, 1991).

A reflexividade, de acordo com Giddens⁵ (1991), é uma importante característica da atualidade; classificada por este como modernidade tardia; a qual consiste no ato de refletir sobre as práticas sociais em todos os aspectos da vida humana, inclusive sobre a constituição do eu. Fato que ocorre desde as sociedades pré-modernas, mas que agora assumiria um caráter mais radicalizado, “o que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada — que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão” (Giddens, 1991, p. 49). A reflexividade, no dado momento, seria a prática que evoca o sujeito a refletir sobre tudo que o cerca, bem como sobre si próprio enquanto sujeito individual. O que acaba por levá-lo a um processo de percepção sobre a constituição de sua subjetividade, ou como Giddens (1991) prefere nomear, a um processo de examinação da auto-identidade, de forma que o eu, a partir dessa perspectiva, passa a ser um projeto reflexivo (Giddens, 1993, p. 71).

Traços que conduzem a essa prática de refletir sobre si mesmo podem ser observados no formato das redes sociais e dos canais de interação *online*, que convidam o sujeito a se apresentar para os outros a todo momento, desde a criação do seu perfil, com perguntas do tipo “Quem sou eu? ”, como também no decorrer do uso ao permitir que este compartilhe seus gostos pessoais e opiniões. Cada rede possui suas peculiaridades e maneiras próprias de convidar o indivíduo a apresentar quem se é, ou, como no caso dos fakes⁶, quem gostaria de ser. O que já levaria o sujeito a um inicial processo de reflexão sobre si mesmo, ainda que talvez de forma fragmentada e superficial, uma vez que o espaço para isso costuma ser restrito.

No *Facebook*⁷, rede social mais famosa no Brasil que atingiu mais de um bilhão de usuários na primeira década do século XXI (Recuero, 2012), assim como nas demais redes, é reservado um espaço para que o sujeito se apresente, além disso o próprio ambiente cria um histórico sobre as principais atividades desenvolvidas nele. Os usuários são interpelados a compartilhar fotos, vídeos e textos, marcarem os locais que frequentam e as atividades desenvolvidas, além de divulgarem como estão se sentindo por meio de *emoticons*, o que parece ampliar a exposição de si. Já na rede *Instagram*⁸, por exemplo, os usuários têm um pequeno espaço para descreverem as informações que julgam necessárias (nome, idade, interesse e contatos), e a partir de então passam a narrar suas vidas exclusivamente por meio de imagens, sejam estas fotos ou vídeos.

A importância que se dá a imagem de si parece ser uma característica latente do sujeito da rede, independente do canal de interação a que nos referimos, pois, um único indivíduo costuma administrar várias redes sociais ao mesmo tempo, fato que a leva a

⁵ É importante frisar que fazemos uso tanto do pensamento de Anthony Giddens quanto de Michel Foucault com o intuito de criar um diálogo rico e plural acerca do tema tratado, embora o primeiro autor chegue a tecer críticas ao segundo em determinado momento de sua obra. Dessa forma, não é intenção deste trabalho abrir uma discussão sobre a possível oposição entre os autores.

⁶ Termo em inglês que traduzido significa falso, comumente utilizado para designar perfis falsos na Internet, em que se tenta ocultar a identidade “real” (*offline*) usando outra.

⁷ Rede social mais usada no Brasil. Endereço: <https://www.facebook.com/>.

⁸ Rede social de compartilhamento de imagens. Endereço: <https://www.instagram.com/>.

expor sua intimidade e conectar-se ao maior número de pessoas possíveis, fazendo de si mesmo e da sua vida, por vezes, um espetáculo midiático para o mundo. O que nos remete aquela sociedade do espetáculo profetizada e discutida por Debord (2003) no final da década de 1960, em que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (Debord, 2003, p. 14).

Debord (2003) acreditava que o espetáculo era o oposto do diálogo e por isso a prática da conversação estaria fadada a morte numa sociedade em que a imagem teria mais valor. O que a nosso ver, encontra certa lógica na contemporaneidade, já que ao menos o diálogo genuíno face a face, sem qualquer interferência tecnológica, de fato esteja em crise. Cada vez mais as pessoas não apenas trocam a companhia “real” (*offline*) pela virtual (*online*), como também parecem ter a necessidade de registrar tudo o que fazem por meio de fotos e vídeos, para assim, de fato, possuírem a sensação de estarem vivendo.

No entanto, acreditamos que a “comunicação efetiva”, bem como a arte da conversa, diferente do que Debord (2003) preconizava, não morreu, na verdade parece renascer alcançando seu ápice justamente aliada a essa espetacularização da intimidade, embora “a imposição de um regime de audiovisualidade obrigatória, muito alegre e colorido” (Sibilia, 2008, p. 48) parece de fato ocorrer, levando a uma estilização da vida, que não apenas passa a ser narrada, mas sua narração se dá em formato quase cinematográfico. Como explica Sibilia (2008):

Nesse contexto o eu não se apresenta apenas ou principalmente como narrador (poeta, romancista ou cineasta) de sua própria vida, mesmo que seja a trilhada e cada vez mais festejada epopeia do homem comum, do anti-herói ou do “homem ordinário”. Enfim, daquele, “qualquer um” que não tem pudor na hora de confessar sua própria pobreza, encarnado naquele você capaz de se converter na personalidade do momento. Em todos os casos, porém, essa subjetividade deverá se estilizar como um personagem da mídia audiovisual: deverá cuidar e cultivar sua imagem mediante uma bateria de habilidades e recursos. Esse personagem tende a atuar como se estivesse sempre diante de uma câmera, disposto a se exibir em qualquer tela – mesmo que seja nos palcos mais banais da “vida real” (Sibilia, 2008, p. 50).

O que nos leva a crer que mais do que um conjunto de imagens, o espetáculo tenha se tornado um modo de vida moderna, ou seja, a maneira como o mundo contemporâneo passa a se organizar, a forma como os sujeitos se relacionam uns com os outros, tendo em vista que “tudo é permeado pelo espetáculo, sem deixar praticamente nada fora. Os contornos dessa gelatinosa definição ultrapassam aquilo que se exhibe na mídia [...]” (Sibilia, 2008, p. 44), transformando o próprio mundo num grande espetáculo e os sujeitos em seres cada vez mais interativos e visuais.

No compasso de uma cultura que se ancora crescentemente em imagens, desmonta-se o velho império da palavra e proliferam fenômenos como os aqui examinados, nos quais a lógica da visibilidade e o mercado das aparências desempenham papéis primordiais na construção de si e da própria vida como um relato. Isso ocorre, porém, em meio a um grau de espetacularização cotidiana que talvez nem o próprio Guy Debord teria ousado imaginar (Sibilia, 2008, p. 48).

Os sujeitos passam a modelar a si mesmos e a suas vidas estetizando todo seu cotidiano por meio de narrações autobiográficas e imagens poetizadas daquilo que os cercam e os representam, tomando em muitos casos a visibilidade como moeda de troca para a autoaceitação. O que a nosso ver faria brotar a necessidade recorrente da autoreflexividade, embora esta em muitos casos não ocorra enquanto busca por uma descoberta profunda do ser e sim tendo em vista dar uma resposta imediata a si mesmo e aos outros que estão na rede. Sendo este, talvez, outro fator que leva o sujeito contemporâneo a um contínuo processo de subjetivação e produção de si, uma vez que o “eu” da rede não exhibe apenas quem se é, mas passa a ser cada vez mais aquilo que mostra, como se o processo de se tornar quem se é passasse agora a ser um crescente técnica de interiorização do que primeiro foi exteriorizado. Quanto mais esse “eu” se mostra, mais passa a se conhecer e a se construir enquanto tal, por isso “em vez de solicitar a técnica da introspecção, que procura olhar para dentro de si a fim de decifrar o que se é, as novas práticas incitam o gesto oposto: impelem a se mostrar para fora” (Sibilia, 2008, p. 115).

As narrativas de si atuais passam a ocorrer por meio das diversas redes sociais e canais de interação *online* como o *Youtube*⁹ e os *blogs* de escrita íntima, sendo estes últimos páginas da internet que podem ser mantidas fechadas para apenas um pequeno público e mesmo uma única pessoa, como também direcionados para todos que estão conectados à rede (Schittine, 2004).

Os *blogs* de escrita íntima nos parecem ampliar as possibilidades de exibição do sujeito, uma vez que além de possuírem um local reservado para que se responda à pergunta “quem sou eu? ”, o autor tem mais espaço para escrever longas postagens e compartilhar fotos e vídeos. Tanto *vlogs* no *Youtube* quanto *blogs* confessionais cresceram de forma acentuada na primeira década deste século, nos levando a presenciar, como dito por Sibilia (2008), uma verdadeira abundância de narrativas autobiográficas que se multiplicam constantemente. “Os sujeitos desses novos relatos publicados na internet se definem como alguém que é, alguém que vive a própria vida como um verdadeiro personagem (Sibilia, 2008 p. 51)”.

Turkle (2011) acredita que os sujeitos da rede, de forma mais específica os escritores de *sites* confessionais, passam a segurar um espelho voltado para nossos tempos complexos. Exibindo não apenas a si mesmos, mas a realidade de nossa época, em que o “real” (*offline*) e o virtual (*online*) misturam-se a ponto de tornarem-se um só, bem como a máquina parece agora ser de fato uma extensão do ser (Haraway, 1991). Nesse contexto, manter um diálogo íntimo com desconhecidos mediado por uma tela, por exemplo, passa a ser em muitos casos mais reconfortante do que se abrir face a face com um amigo que pode rebatê-lo instantaneamente. Os sujeitos contemporâneos passam a pedir menos das pessoas e mais da tecnologia (Turkler, 2011, p. 230).

Em diálogo com Sibilia (2008), partimos da perspectiva de que esse “eu” que se exhibe na rede costuma ser tríplice: ao mesmo tempo autor, narrador e personagem de si mesmo. Sendo em certa medida uma ficção, se levamos em consideração que ele não apenas exhibe quem é, mas tornar-se o que exhibe na medida em que se narra e faz uso da linguagem.

⁹ Plataforma de compartilhamento de vídeos *online*. Endereço: <https://www.youtube.com>.

Embora se apresente como “o mais insubstituível dos seres” e “a mais real, em aparência, das realidades”, o “eu” de cada um de nós é uma entidade complexa e vacilante. Uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico e múltiplo de cada experiência individual. Mas se o eu é uma ficção gramatical, um centro de gravidade narrativa, um eixo móvel e instável onde convergem todos os relatos de si, também é inegável que se trata de um tipo especial de ficção (Sibilia, 2008, p. 31).

Ao pensar no “eu” da rede como uma ficção, partimos da perspectiva de que este se desprende “do magma real da própria existência” ao mesmo tempo em que provoca um forte efeito no mundo: o efeito-sujeito (o eu se exibindo). Esta seria uma ficção necessária e comum, uma vez que na contemporaneidade nos constituímos enquanto sujeitos a partir desses e nesses relatos de si, “a linguagem nos dá consistência e relevos próprios, pessoais, singulares, e a substância que resulta desse cruzamento de narrativas se (auto) denomina eu” (Sibilia, 2008).

Noção que dialoga com o pensamento de Foucault sobre os sujeitos serem discursivamente produzidos em meio a relações de poder e regimes de verdade próprios de sua época. Nessa perspectiva, a produção da subjetividade considera a inscrição do sujeito em determinadas formações discursivas, nas quais ele é atravessado por discursos que definem suas práticas (Foucault, 2008), podendo a subjetividade ser compreendida enquanto “produto entre virtualidades produzidas e resulta de práticas diversas, advindas de saberes que envolvem uma pluralidade de discursos” (Fernandes, 2012, p. 77).

A exibição do sujeito na rede, diferente do que muitos críticos apontam, não seria apenas uma performance fraudulenta de uma vida perfeita que se deseja possuir, o que por vezes pode ocorrer. O trunfo do cibercultura estaria, a nosso ver, no fato de possibilitar que o sujeito do século XXI mantenha um contínuo processo de autoreflexividade, reconfigurado-o para a realidade própria de seu tempo. Quando o “eu” narra determinados acontecimentos de sua vida numa rede social ou num *blog* de escrita íntima, não apenas passa a descrever o que lhe acontece, mas num primeiro momento, ao passo em que se narra também se julga, percebendo-se enquanto autor de sua própria existência. Posteriormente, reexamina sua narrativa e o impacto desta sob seus seguidores/leitores, bem como sobre si mesmo. O que vale ressaltar, não ocorre de maneira linear, mas em vez disso a subjetividade passa a se constituir “na vertigem desse córrego discursivo, é nele que o eu de fato se realiza. Pois usar imagens e palavras é agir: graças a elas podemos criar universos e com elas construímos nossas subjetividades, nutrindo o mundo com um rico acervo de significações” (Sibilia, 2008, p. 31).

O simples ato de postar uma *self¹⁰*, por exemplo, pode apontar para uma auto-examinação de si (de sua imagem), em que o sujeito desenvolve todo um raciocínio estratégico de como fazer para conseguir o maior número de curtidas possíveis. Problematizando desde o melhor ângulo para seu rosto, a maquiagem adequada, luz favorável ou o tipo de roupa ideal para seu corpo, entre outras questões que à primeira vista podem parecer simplesmente impulsos narcísicos de sujeitos líquidos (Bauman, 2007) numa era de espetacularização gratuita. No entanto, quando problematizados, demonstram uma busca pelo conhecimento contínuo de si mesmo, seja no nível corpóreo e mais superficial ou até em questões complexas e existenciais. A grande

¹⁰ Fotografia tirada de si mesmo.

questão passa a ser que agora nos produzimos por meio de uma estilização contínua do eu e da vida, que se dá através das narrativas e imagens que desenvolvemos sobre nós mesmos e compartilhamos na rede, bem como do encontro dessas narrativas com outras.

Hoje, todos e qualquer um encontram espaço para narrar a si próprio e se pôr em evidência na rede, mergulhando num processo contínuo de produção da subjetividade, de maneira que a “experiência de si como um “eu” se deve, portanto, à condição de narrador do sujeito: alguém que é capaz de organizar sua experiência na primeira pessoa do singular” (Sibilia, 2008, p. 31).

NARRAR A SI MESMO – A EPOPEIA DO SUJEITO *ONLINE*

O narrador teve sua morte profetizada por Walter Benjamin (1994) na década de 1930, época em que este suspeitou que os tempos modernos com seus avanços tecnológicos acabariam pondo fim ao antigo hábito de contar histórias. De acordo com o autor, em sua época já eram poucas as pessoas que sabiam narrar devidamente, o que seria fruto de um esgotamento da própria experiência. Pensamento que teve início com a popularidade do romance enquanto grande forma narrativa do século XIX, e, sobretudo, com a informação em sua estrutura difundida pela imprensa.

Para Benjamin (1994), o núcleo das narrativas tradicionais seria uma distância quase mítica entre o espaço e o tempo, o que não acontecia no gênero informativo por apresentar caráter imediatista. Fato que nos leva a crer que não teria ocorrido a morte do narrador como um todo e sim do narrador benjaminiano, que na contemporaneidade “seria mais do que confirmada nos relatos autobiográficos que congestionam a web” (Sibilia, 2008, p. 42). Nestes relatos a perspectiva de tempo e espaço dilui-se e a agilidade na exposição dos escritos torna-se uma de suas principais características.

Larrosa (1994) trata sobre a questão do narrar-se a partir da sua obra voltada para as tecnologias do eu na educação, na qual discute como se dá a experiência de si por meio do que classifica como dispositivos pedagógicos. Ao acreditar que o ser humano seria resultado dos mecanismos que o levam a manter uma relação reflexiva consigo mesmo, mecanismos estes em que o sujeito se vê, se produz, se julga, se domina, se narra, e como visto, se mostra.

Sobre dispositivo pedagógico entendemos todo e qualquer lugar “no qual se constitui ou se transforma a experiência de si” (Larrosa, 1994, p. 54), em que se aprende ou se modifica as relações que se estabelece consigo mesmo. O que nos leva a perceber o ciberespaço como sendo também uma espécie de dispositivo pedagógico, na medida em que há uma constituição de si através da escrita e imagem. Ao se narrar num *blog* confessional ou numa rede social *online* o sujeito passa a refletir sobre si mesmo na medida em que se descreve e se expõe.

O termo “narrar”, vindo do latim “*narrare*”, significa basicamente “arrastar para frente”, deriva da palavra “*gnarus*” que tem como tradução ao mesmo tempo “o que sabe” e o “o que viu” e, por tanto, remete a uma expressão grega, “*istor*”, da qual derivam os termos “história” e “historiador” (Larrosa, 1994, p. 64). Percebemos, pois, uma associação entre o ver e o saber, sendo aquele que narra “o que leva para frente, apresentando-o de novo, o que viu e do qual conserva um rastro em sua memória. O narrador é que expressa, no sentido de exteriorizar, o rastro que aquilo que viu deixou em sua memória” (Larrosa, 1994, p. 64).

Ao narrar-se o sujeito está pondo em evidência o que guardou do que viu de si mesmo, não sendo necessariamente uma descrição topológica, mas uma ordenação temporal, de forma que essa autonarração se dá na medida em que o indivíduo passa a prestar contas de si mesmo e se perceber enquanto um ser temporal, que além de estar inserido num certo momento histórico também possui sua própria temporalidade na qual sua percepção de si vai se formando.

Assim, se a subjetividade humana está temporalmente constituída, a consciência de si estará estruturada no tempo da vida. O sujeito se constitui para si mesmo em seu próprio transcorrer temporal. Mas o tempo da vida, o tempo que articula a subjetividade não é apenas um tempo linear e abstrato, uma sucessão na qual as coisas se sucedem umas depois das outras. O tempo da consciência de si é a articulação em uma dimensão temporal daquilo que o indivíduo é para si mesmo. E essa articulação temporal é de natureza essencialmente narrativa. O tempo se converte em tempo humano ao organizar-se narrativamente. O eu se constitui temporalmente para si mesmo na unidade de uma história (Larrosa, 1994, p. 65).

O tempo no qual uma subjetividade se produz é antes de qualquer coisa um tempo narrado, uma vez que ao narrar os acontecimentos de nossas vidas e a percepção que temos sobre estes, acabamos por nos colocar enquanto sujeitos emersos numa realidade temporal. No entanto, seria simplificar por demais afirmar que o sujeito é fruto dessa temporalidade da qual faz parte, sendo sua narração apenas tal percepção.

A narrativa pode ser percebida enquanto discurso pré-existente, uma vez que o indivíduo já se encontra desde seu nascimento imerso em estruturas narrativas que se organizam por meio das práticas discursivas de forma que “a narrativa não é o lugar de irrupção da subjetividade, da experiência de si, mas a modalidade discursiva que estabelece tanto a posição do sujeito que fala (o narrador) quanto às regras de sua própria inserção no interior de uma trama (o personagem)” (Larrosa, 1994, p. 65).

Devemos pensar então, na constituição narrativa da experiência de si enquanto algo que se produz não apenas num diálogo consigo mesmo, mas em um diálogo entre narrativas, uma vez que a “consciência de si próprio não é algo que a pessoa progressivamente descobre e aprende a descrever melhor. É, antes, algo que se vai fabricando e inventando, algo que se vai construindo e reconstruindo em operações de narração e com a narração” (Larrosa, 1994, p. 66). O que nos leva a crer que o processo de constituição da subjetividade; defendido até então enquanto movimento contínuo que se dá no decorrer da vida; passa a se estabelecer também por meio das operações de narração, não simplesmente surgindo nelas, já que o sujeito se percebe e modifica-se enquanto tal através de suas narrações, bem como das experiências narrativas dos que estão a sua volta.

Questão que se faz visível no *Blog Cem Homens*¹¹ ao percebermos certa mudança no comportamento da autora, Nádia Lapa, quando comparado o início do blog em 2011 com seu último ano em 2014. O que começa pela própria apresentação desta, que

¹¹ O *Blog Cem Homens*, criado em 2011 e encerrado em 2015, surge como uma espécie de celebração pela cura de sua autora, Nádia Lapa, do quadro de menopausa precoce. Se apresenta em formato de diário íntimo *online* em que Nádia (sob o pseudônimo de Letícia Fernandez) pretende relatar minuciosamente suas aventuras sexuais com cem homens no período de um ano, meta estabelecida por ela. O livro “*Cem Homens em um ano*” lançado por Nádia Lapa em 2012, reúne as postagens do primeiro ano do *blog*, além de contar como essa prática narrativa confessional transformou sua vida. Ver mais na obra.

inicialmente fazia uso do pseudônimo Letícia Fernández, assumindo sua “real” identidade posteriormente.

O Cem Homens foi conquistando leitores e a minha vontade de continuar escrevendo só aumentava. Ao mesmo tempo, descobri muito de mim. Novos desejos, fantasias surpreendentes, tesão por coisas diferentes. Os números não importavam. Importava a mulher que eu era no início disso tudo, quem eu fui me tornando e o resultado disso no final. Escrever fez parte da travessia, expor também. Até os julgamentos construíram essa história (Lapa, 2012, p. 12-13).

Na fala de Nádia Lapa fica claro o papel importante da escrita por meio do ato do narrar-se, já que de acordo com a mesma, na medida em que o *blog* foi sendo atualizado e conquistando leitores, ou seja, na medida em que foi narrando sua intimidade em tom de confissão para a rede, mas do que expor a si mesma e suas aventuras, Nádia passa a se descobrir enquanto tal, percebendo ou quem sabe, produzindo “novos desejos”. Podemos observar, embora Nádia não fale claramente, que na medida em que ela se narra se percebe num processo de subjetivação contínuo, produzindo a si mesma. De modo que sua subjetividade passa a constituir-se amparada numa recorrente exposição da intimidade.

Na fala da blogueira ainda é possível perceber a importância dos outros para o seu processo de narração e subjetivação, sobretudo, quando menciona que foi conquistando leitores e que “até os julgamentos construíram essa história”, nos remetendo a importância não apenas de um diálogo consigo mesmo, mas também de um diálogo com narrativas outras. O que no âmbito do *blog* se dá através do espaço aberto para os comentários, no qual os leitores também podem compartilhar suas experiências de vidas e opiniões sobre o que está exposto, como no exemplo a seguir.

Figura 01- Comentário de uma leitora.



Fonte: *Blog Cem homens* (2012).

No *print* acima, retirado de um comentário do *blog*, escrito pela leitura que se identifica como Mara Costa, observamos que além de dar sua opinião sobre o *blog* e o livro lançado em 2012, também compartilha seu pensamento sobre sexo e prazer feminino, ao mencionar suas conversas com as filhas e as amigas. O que nos leva a

atentar para o fato de que essa produção e transformação da consciência de si passa pela “participação em redes de comunicação onde se produzem, se interpretam e se medeiam histórias” (Larossa, 1994, p. 67), fazendo parte desse processo contínuo de contar, ouvir, ler e contrapor histórias, entendidas aqui enquanto narrativas.

Outro fato relevante quando se trata da questão do narrar-se é o caráter social e político da autonarração, uma vez que esta é atravessada pela história dos dispositivos normalizadores e disciplinares que fazem os sujeitos contarem-se a si mesmos de determinada maneira em determinada época (Foucault, 1988). De forma que é preciso atentar para gestão política e social em torno da qual as narrativas pessoais gravitam, bem como as relações de poder que envolvem os lugares nos quais os sujeitos são interpelados a interpretar-se e reconhecer-se enquanto tais. O que no caso do *blog* *Cem Homens* e de forma mais específica desse comentário, nos leva a perceber a contemporaneidade como a época em que a “terceira mulher” de Lipovetsky (2000) encontra oportunidade não apenas de se libertar das correntes morais que aprisionavam sua sexualidade, como também de se narrar enquanto ser desejante que, como a leitora afirma, “já aprendeu a fazer sexo por prazer”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “narrar-se” abordado aqui enquanto mecanismo de subjetivação do dispositivo pedagógico que seria o ambiente virtual, de forma mais precisa as redes sociais e os canais de interação *online* – com destaque para os *blogs* de escrita íntima -, pode ser considerado uma forma de cuidado de si contemporâneo que reconfigura a antiga prática da confissão, apresentada por Foucault (1985b) em sua obra *História da Sexualidade*.

O narrar-se nestes *blogs* de escrita íntima se dá em tom de verdadeiras confissões, sobretudo, no *Cem Homens*, que tem como assunto central a sexualidade, tema desde muito tratado por este viés. O que teria mudado da época vitoriana (Foucault, 1988, p. 17) para os dias atuais, seria entre outros fatores o local e a forma como essas confissões se dão, já que antes ocorriam bem mais por meio de uma imposição aos sujeitos tendo como locais adequados a igreja e o consultório médico. Enquanto que na contemporaneidade, chega a se apresentar quase como um desejo inerente aos sujeitos, os quais passam a confessar detalhes de suas vidas para um número cada vez maior de pessoas, lavando ao atual fenômeno da espetacularização da intimidade (SIBILIA, 2008), em que esse “eu” se transforma num show midiaticizado.

Sibilia (2003) acredita que essa recorrente exposição da intimidade seria uma das principais características de nossa época. Não se tratando apenas de um mero exibicionismo, mas, como pontua Schittine (2004), provavelmente fruto do desenvolvimento de um individualismo quase narcísico que pensa no outro como uma plateia da nossa existência, em que “a ilusão de se dirigir ao outro é apenas um pretexto para falar apenas de si” (Schittine, 2004, p. 66).

Ao passo em que o sujeito se narra e se mostra, se coloca numa complexa relação de auto-examinação, como nos remete Giddens (1991). O que nos leva a crer que o sujeito da rede é resultado dos diversos mecanismos e dispositivos que o levam a manter uma relação reflexiva consigo mesmo. Fato que ocorre de maneira cada vez mais acentuada no ambiente virtual, fazendo parte dos aspectos que caracterizam a cibercultura.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Benjamin, W. (1994). O narrador. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política* (v. 1). São Paulo: Brasiliense, p. 197-221.
- Cardoso, H. R. Jr. (2005). Para que serve uma subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (3), pp. 229-000.
- Debord, G. (2003). *Sociedade do espetáculo*. Tradução: Terra vista. Editoração: Ebooks Barsil.
- Fernandes, C. A. (2012). *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios.
- Foucault, M. (2010). O sujeito e o poder. In: Dreyfus, Hubert L. e Rabinow, Paul. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica*. 2 ed., rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 273-295.
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. 7ª ed. Trad. Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Haraway, D. (1991). *Simians, ciborgs, and women. The reiventon of nature*. New York: Routledge, 1991.
- Lapa, N. (2012). *Cem homens em um ano*. São Paulo: Matrix.
- Larossa, J. (1994). Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, p. 35-86.
- Lemos, A. (2005). *Cibercidade II: Ciberube*. A cidade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: E-papers.

Lemos, A.; Lévy, P. (2010). *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus.

Lévy, P. (1987). *La machine univers: création, cognition et culture informatique*. Paris: La Découverte.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.

Lipovetski, G. (2000). *A terceira mulher: Permanência e evolução*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

Rüdiger, F. (2011). *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina.

Sibilia, P. (2008). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Sibilia, P. (2003). *A intimidade escancarada na rede, blogs e webcams subvertem a oposição público/privado*. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom.

Schittine, D. (2004). *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Teixeira, M. M. (2013). A cibercultura na educação. *Revista Patio: A Educação pode salvar o Brasil?*. Edição 67, Nº 67.

Turkle, S (2011). *Alone Together. Why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books.

Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 02/10/2022

Aprovado em: 06/12/2022

Received in: October 02, 2022

Approved in: December 06, 2022